«A palavra mágica»

**VERGÍLIO FERREIRA**

** ORALIDADE E LEITURA**

**1.** Propomos-te a leitura de um conto de Vergílio Ferreira intitulado «A palavra mágica». O que será uma palavra mágica?

**2.** À medida que lês o texto, procura responder mentalmente às perguntas que o acompanham para, no final, trocares impressões com os teus colegas sobre as respostas que deste.

|  |  |
| --- | --- |
|  | **A palavra mágica** |
| 5101520253035404550Que característicaem comum têm ossignificados atribuídosà palavra?55**5 Codilhassem:** tomassem.**6 Puas:** pontas aguçadas.**7 Jorna:** salário.**8 Lombeiro:** preguiçoso.**9 Carrascão:** vinho de má qualidade.**10 Moléstias:** males.**11 Carbúnculos:** feridas com pus.**12 Unguentos de encoirar:** pomadas cicatrizantes.**13 Trampolineiro:** intrujão.**14 Croia:** mulher de má-vida.**15 Seteada:** ferida com setas.6065707580859095100105110115120125130135140145150**27 Pendão:** bandeira.**28 Vãos:** inúteis.155160165 | Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém. Se às vezes guerreava, com palavras azedas para cá e para lá, era apenas com os fundos da própria consciência. Viúvo, sem filhos, dono de umas leiras1 herdadas, o que mais parecia inquietá-lo era a maneira de alijar2 bem depressa o dinheiro das rendas. Semeava tão facilmente as economias, que ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça – mesmo da velha –, mas apenas um desejo urgente de comodidade. Dar aliviava. Pregavam-lhe que o Paulino ia logo de casa dele derretê-lo em vinho, que o Carmelo não comprava nada livros ou cadernos ao filho que andava na instrução primária. Silvestre encolhia os ombros, não tinha nada com isso. As moedas rolavam-lhe para dentro da algibeira e com o mesmo impulso fatal rolavam para fora, deixando-lhe, no sítio, a paz. Por que razão será tão importante reforçar que o Silvestre é boa pessoa?Ora um domingo, o Silvestre ensarilhou-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da Loja. Fora o caso que ao falar-se, no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia o Ramos, ferido de espora3, atacou de cabeça baixa:Consideras que areação do Ramos sejustifica?**1 Leiras:** terras.**2 Alijar:** aliviar, recusar.**3 Espora:** espigão usado nas botas dos cavaleiros para acelerar a marcha dos animais.**4 Quebreiras de cabeça:** preocupações.– Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão?– Homem! – clamava o Silvestre, de mão pacífica no ar. – Calma aí, se faz favor. Falei por falar.– E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça4. Assim, também eu.– Faço o que posso – desabafou o outro.– E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre-diabo, Silvestre.Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. Anda no mundo por ver andar os outros. Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é. Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra «inócuo», estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu. E à cautela, não o codilhassem5 por parvo, disse:– *Inoque* será você.Também o Ramos não via o fundo ao significado de «inócuo». Topara por acaso a palavra, num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferro, cravada de puas6. Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia:– Chamou-lhe tudo, o patife. Só porque o pobre entendia que a jorna7 de um homem é fraca. Que era um paz-de-alma. E um inoque.– Que é isso de inoque?– Coisa boa não é. Queria ele dizer na sua que Silvestre não trabalhava, que era um lombeiro8, um vadio. Como nesse dia, que era domingo, Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto:– Seu bêbedo ordinário. Seu *inoque* reles.Quando a palavra caiu da boca da mulher, vinha já tinta de carrascão9. E desde aí, *inoque* significou, como é de ver, vadio e bêbedo.Ora tempos depois apareceu na aldeia um sujeito de gabardina, a vender drogas para todas as moléstias10 dos pobres. Pedra de queimar carbúnculos11, unguentos de encoirar12, solda para costelas quebradas. Vendeu todo o sortido. Mas logo às primeiras experiências, as drogas falharam. Houve pois necessidade de marcar a ferro aquela roubalheira de gabardina e unhas polidas. E como o vocabulário dos pobres era curto, alguém se lembrou da palavra milagrosa do Ramos. Pelo que, *inoque* significou trampolineiro13 ou ladrão dos finos. Mas como havia ainda os ladrões dos «grossos», não foi difícil meter dentro da palavra mais um veneno. Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia termos novos para se exprimirem, «inócuo» foi inchando de mais significações. Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, inoque, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. Daí que fosse fácil meter também no *inoque* o assassino de faca e a croia14 de porta aberta. «Inócuo» dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população. A moca grossa de ferro, seteada15 de puas, era agora uma arma terrível, quase desleal, que só se usava quando se tinha despejado já toda a cartucheira de insultos. Até que o Perdigão dos Cabritos entrou pela ponte norte da aldeia, com o cavalo carregado de reses16, num dia de feira, e se azedou com o taberneiro, quando trocava um borrego por vinho. De olhos chamejantes17, perdido, já no quente da refrega18, o taberneiro atirou-lhe o verbo da maldição. Houve quem achasse desmedida a vingança do homem. Perdigão arreou:– *Inoque* será você.Também ele não sabia que veneno tinham despejado na palavra; mas, pelo sim pelo não, aliviou. E pela tarde, enfardelou19 o termo infame com as peles da matança, e abalou com ele pela ponte sul. Longos meses a palavra maldita andou por lá a descarregar o ódio das gentes. Até que um dia voltou a entrar na aldeia, agora pela ponte sul que dava para a vila, e não pela ponte norte que levava a terras sem nome. Vinha em farrapos, na boca de um caldeireiro20, mais estropiada, coberta da baba de todos os rancores e de todos os crimes. Quando deitava um pingo num caneco de folha, o caldeireiro pegou-se de razões com o freguês. O dono do caneco correu uma mão amiga pelas costas do vagabundo:– Lá ver isso, velhinho. O combinado foram cinco tostões.Consegues agoraexplicar o título doconto?– Não me faça festas que eu não sou mulher, seu *noque* reles.E «inócuo» significou um nome feio para um homem. Então o ajudante, ou o que era, do caldeireiro, tentou deitar água na fogueira.– Cale-se também você, seu *noque* ordinário. A mim não me mata você à fome como fez a seu pai.Porque «inócuo» também queria dizer parricida21. Então o Ramos, que passava perto, tomou a palavra excomungada nas mãos e pediu ao velho que a abrisse, para ver tudo o que já lá tinha dentro. Um cheiro pútrido a fezes, a pus, a vinagre, alastrou pelo espanto de todos em redor.Com os dedos da memória, o caldeireiro foi tirando do ventre do vocábulo restos de velhos significados, maldições, ódios, desesperos. «Inócuo» era «bêbedo», «ladrão», «incendiário», «pederasta»22, e, uma que outra vez, um desabafo ligeiro como «poça» ou «bolas». Para o calão da gente fina, que topara a palavra na cozinha, nos trabalhos do campo, soube-se um dia que significava ainda «escroque»23, *souteneur*24, e mais. **16 Reses:** animais.**17 Chamejantes:** faiscantes.**18 Refrega:** briga.**19 Enfardelou:** enfardou.**20 Caldeireiro:** que fabrica recipientes de metal.**21 Parricida:** aquele que matou o pai ou outro ascendente.**22 Pederasta:** abusador.**23 Escroque:** canalha, intrujão.**24 *Souteneur:***rufia.**25 Vernácula:** linguagem correta.**26 *Pagnon:***companheiro.A aldeia em peso tremeu. Era possível a qualquer apanhar com o palavrão na cara e ficar coberto de peste. Eis porém que uma vez o filho do Gomes, que andava no colégio da vila, insultado de *inoque* por um colega, numa partida de bilhar, lembrou-se à noite de ver no dicionário a fundura vernácula25 da ofensa. Procurou *inoque*. Não vinha. Procurou *noque*. Também não vinha. Furioso, buscou à toa, *quinoque*, *moque*, *soque*. Nada. Quando a mãe o procurou, para ver se estudava, encontrou-o às marradas no dicionário. Choroso, o rapaz declarou:– O meu *pagnon*26 chamou-me inoque, mãe. Queria saber o que era. Mas não vem no dicionário.– Não vejas! – clamou a mulher, de braços no ar. – Deixa lá! Não te importes.– Mas que quer dizer?– Coisas ruins, meu filho. Herege, homem sem religião e mais coisas más. Não vejas!Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da vila, contra a injúria de *noque*, *inoque* e, finalmente, de «inócuo», consoante a instrução de cada um. Como a palavra estropiada era um termo bárbaro nos seus ouvidos cultos, o juiz pedia a versão da injúria em linguagem correta, sendo essa versão que instruía os autos.– Chamou-me *noque*.– Absolutamente. Mas que queria ele dizer na sua?– Pois queria dizer que eu era ladrão.E escrevia-se «ladrão». Pelo mesmo motivo, gravava-se a ofensa, de outras vezes, nos termos de «assassino», «devasso» ou «bêbedo». Ora um dia foi o próprio Bernardino da Fábrica que moveu um processo ao guarda-livros pela injúria de «inócuo». Metida a questão nos trilhos legais, o Bernardino procurou o juiz, para ver se podia ajustar, previamente, uma bordoada firme no agressor. Mas aí, o juiz atirou uma palmada à coxa curta, clamou:– Homem! Agora entendo eu. *Noque* era «inócuo»!E admitindo que o vocábulo contivesse um veneno insuspeito, pegou num dicionário recente, o último modelo de ortografia e significados. Então pasmou de assombro, perante o escuro mistério que carregara de pólvora o termo mais benigno da língua: «inócuo» significava apenas «que não faz dano, inofensivo». E pôs o dicionário aberto diante da ofensa de Bernardino. O industrial carregou a luneta, e longo tempo, colérico, exigiu do livro insultos que lá não estavam.– Nada feito – repetia o juiz. – O homem chamou-lhe, corretamente, «pessoa incapaz de fazer mal a alguém».– Mas há a intenção – opôs o advogado, mais tarde, quando se voltou ao assunto. – Há o sentido que toda a gente liga à palavra.– Nada feito – insistia o juiz. – «Inócuo» é «inofensivo», até nova ordem. Então o advogado desabafou. Também ele sabia, como toda a gente culta, que «inócuo» era um pobre-diabo de um termo que não fazia mal a ninguém. Sabia-o, com um saber analítico, desde as aulas de Latim do seu padre-mestre. Mas não ignorava também que o ódio humano nem sempre conseguia razões para se justificar. E nesse caso, qualquer palavra, mesmo inofensiva, era um pendão27 desfraldado no pau alto do ódio. Bernardino fora ofendido. Mas podia amanhã querer ofender e as razões serem curtas para o seu rancor. Uma palavra informe, soprada de todos os furores, seria então a melhor arma. Despir o mastro da bandeira seria desnudar-se na dureza bárbara do pau. «Inócuo» era uma maravilha para a última defesa da racionalidade humana, pelos ocos esconderijos onde podiam ocultar-se todos os rancores e maldições. «Inócuo» era um benefício social. Não havia que emendar-se a vida pelo dicionário. Havia que forçar-se o dicionário a meter a vida na pele.– Cultive-se o «inócuo». Salvemo-lo, para nos salvarmos.Desgraçadamente, porém, os receios do advogado eram vãos28. A vida, de facto, emendara o dicionário. Como bola de neve, «inócuo» rolara do ódio alto dos homens e longo tempo levaria a derreter ao calor da compreensão e da justiça. Foi assim que o filho do Gomes, depois de ter encontrado a correspondência vernácula da injúria do *pagnon*, tentou reabilitar a palavra excomungada29. Esbaforido, foi com o dicionário aberto no sítio maldito, da mãe para o pai, do pai para os amigos. Mas ninguém o entendeu. *Noque* ou «inócuo» era um anátema30 verde de pus.– Que importa o que dizem? – clamou o heroísmo do rapaz. – Podem chamar­‑me *inoque* ou «inócuo», que não ligo. Agora sei o que quer dizer.Conseguirá o filho doGomes manter a suapromessa?Dias depois, porém, um colega precisou de o insultar, e arremessou-lhe outra vez com o termo nefando31. Toda a gente conhecia já a opinião do dicionário. Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso. **29 Excomungada:**amaldiçoada, banida.**30 Anátema:** maldição.**31 Nefando:** malvado,abominável.Pelo que, nessa noite, o filho do Gomes não dormiu, preocupado apenas em descobrir uma maneira eficaz de esborrachar o colega, para ter mais tento na língua. |
|  | Vergílio Ferreira, *Contos*, Quetzal, 2009 |

«Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém.» (linhas 1 a 11)

**3.** Identifica duas características do Silvestre evidenciadas no primeiro parágrafo do texto (linhas 1 a 11).

**3.1.** Refere dois exemplos de atitudes da personagem que as comprovem.

**3.2.** Segundo o narrador, «Ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça» (linhas 5-6). Como são então justificadas as atitudes do Silvestre?

«Ora um domingo, o Silvestre ensarilhou-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da loja.» (linhas 12 a 36)

**4.** O segundo parágrafo do texto inicia-se pela expressão de tempo «Ora um domingo». Explica por que razão é usada e relaciona-a com a expressão de tempo que inicia o conto.

**4.1.** Lê a informação sobre o modo narrativo nas páginas 70 e 71 do teu manual e identifica, neste parágrafo, os elementos característicos de uma sequência narrativa.

**4.2.** Reconta a discussão entre o Ramos e o Silvestre, referindo o que a motiva, as reações de ambas as personagens e o seu desfecho.

**4.3.** Por que razão reage o Silvestre quando ouve a palavra «inócuo»?

**4.4.**Como justificas a alteração da palavra «inócuo» para «inoque»?

**4.5.** Explica os efeitos de sentido conseguidos pelo uso dos recursos expressivos seguintes:

**a)** a comparação em «com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira» (linhas 16-17);

**b)** a metáfora destacada em «Todavia o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa» (linhas 17-18).

«Dois homens que assistiam ao barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia (…).»
(linhas 36 a 77)

**5.** Depois da discussão, que elemento ocupa o lugar de protagonista da história?

**5.1.** Regista os usos da palavra «inócuo», desde a discussão até ao momento em que sai da aldeia, organizando as informações numa tabela.

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Ocorrência** |  | **Personagens e situação** |  | **Significado da palavra** |
| 1.a |  | O Ramos chama «inócuo» ao Silvestre e dois homens espalham a notícia. |  | lombeiro, vadio |
| … |  | … |  | … |

**5.2.** Explica o sentido da frase: «“Inócuo” dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população.» (linhas 66-67)

**5.3.** Refere palavras e expressões do campo lexical de armas, usadas para caracterizar a palavra. Justifica a existência desse campo lexical.

«Longos meses a palavra maldita andou por lá a descarregar o ódio das gentes.» (linhas 77 a 112)

**6.** Reconta o acontecimento associado ao regresso da palavra à aldeia e diz com que significados é aí utilizada.

**6.1.** Quando voltou a ouvir a palavra, o Ramos percebeu que ela tinha mudado. Que mudança ocorrera?

**6.2.** Como reagem os habitantes da aldeia a este regresso?

**6.3.** O filho do Gomes é o primeiro a procurar a palavra num dicionário. Explica porque o faz e a razão pela qual não fica esclarecido.

«Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da vila (…).» (linhas 113 a 149)

**7.** Por que razão não reconhece o juiz a palavra de imediato?

**7.1.** Como é feito então o registo das queixas?

**7.2.** De que forma percebe o juiz que a palavra em causa é inofensiva?

**7.3.** Essa descoberta altera alguma coisa? Porquê?

«“Inócuo” era um benefício social.» (linhas 149 a 168)

**8.** Explica o significado da frase: «A vida, de facto, emendara o dicionário.» (linhas 185­‑186)

**8.1.** Que episódio ilustra esta afirmação?

**8.2.** Explica o sentido da frase «Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso.» (linha 165), bem como a expressividade da perífrase destacada (recursos expressivos — página 295 do teu manual).

**9.** Relaciona a história deste conto com uma frase de outro livro do autor:

«As palavras são pedras, (…), o que nelas vive é o espírito que por elas passa.»

Vergílio Ferreira, Aparição, Bertrand, 1995

**10.** O que concluis sobre o poder das palavras?

** ESCRITA**

**1.** São muitas as situações sobre as quais podemos contar uma história. Escreve uma narrativa até 300 palavras que possa ser divulgada no jornal da escola, num blogue ou num livro de contos da turma.

Define os elementos seguintes:

► assunto da história que vais contar e quem vai lê-la;

► objetivos da tua narrativa (emocionar, divertir…);

► ambiente recriado (misterioso, assustador, alegre, divertido, fantástico...);

► sequência dos acontecimentos;

► personagens (animais, pessoas, coisas...) e suas características;

► tempo e espaço;

► características do narrador (participante ou não participante).

Escreve o teu texto:

► define um início (Antigamente…, Era uma vez…);

► usa expressões diversificadas para assinalar a passagem do tempo (anos depois, mais tarde, no dia seguinte…) e para situar os acontecimentos no espaço (à volta do largo, no jardim…);

► caracteriza as personagens e os espaços;

► escreve diálogos entre as personagens;

► conclui a tua narrativa (Finalmente…, E assim termina a história…)

Verifica se a história está escrita de modo a interessar os leitores e se possui todas as informações necessárias para ser entendida.

Não te esqueças de fazer uma revisão para verificares a ortografia, a pontuação e a estrutura das frases e dos parágrafos. Usa o corretor ortográfico do computador ou o dicionário.

**Oralidade e leitura**

**3.** e **3.1.** O seu caráter pacífico (nunca discutira com ninguém) e a sua predisposição para dar tudo o que possuía (entregava aos outros todas as economias).

**3.2.** O facto de Silvestre semear todas as economias era entendido como uma ação purificadora, cómoda, que o libertava de quaisquer culpas e lhe dava uma paz desejada.

**4.** Esta expressão introduz um acontecimento pontual, que se afasta, por isso, da situação habitual apresentada no primeiro parágrafo e reforçada pelo advérbio «Nunca».

**4.1.** Neste parágrafo, relata-se um acontecimento — uma discussão entre personagens — que ocorreu num determinado espaço e num determinado tempo; os verbos que indicam ações encontram-se predominantemente no pretérito perfeito.

**4.2.** Um domingo, o Silvestre arranja, sem querer, uma discussão com o Ramos da Loja, ao afirmar que o trabalho do campo era mal pago. O Ramos, que defende que o Silvestre não tem legitimidade para falar sobre isso, porque nunca teve preocupações nem filhos para sustentar, enerva-se e, sem conhecer o significado da palavra, mas usando-a como uma ofensa, chama «inócuo» ao Silvestre. Este reage à provocação e devolve-lhe a ofensa tal como a entendeu «— Inoque será você».

**4.3.** Porque a ouve como uma ofensa, apesar de não saber o que significa.

**4.4.** O Silvestre não conhecia o sentido nem o som da palavra e pronunciou-a como a ouviu.

**4.5.**

**a)** Reforça a simplicidade e o caráter pacífico do Silvestre, que nada fez para começar a briga.

**b)** Reforça o efeito ofensivo que as palavras do Silvestre têm no Ramos, que as ouve como uma provocação.

**5.** A palavra «inócuo» e as suas variantes fonéticas: *inoque*, *noque*.

**5.1.** Proposta de correção na Aula Digital.

**5.2.** A palavra desconhecida servia para todas as situações em que era necessário recorrer à ofensa e, de certa forma, absorvia todo o ódio da população.

**5.3. A** agressividade com que a palavra era utilizada reflete-se nas expressões relacionadas com armas que a caracterizavam, como por exemplo: «moca grossa de ferro, seteada de puas»; «arma terrível»; «cartucheira de insultos».

**6.** Depois de andar vários meses afastada, a palavra regressa à aldeia pela boca de um caldeireiro e é usada como ofensa pelo seu ajudante e por um freguês que não gostou da forma como estava a ser tratado, passando a significar homossexual e parricida.

**6.1.** O Ramos percebeu que a palavra crescera na sua maldição e encerrava sentidos ainda mais terríveis, os quais se acrescentavam aos anteriores.

**6.2.** Os habitantes reagem com temor e preocupação.

Cenários de resposta

**6.3.** O filho do Gomes tinha alguma instrução e, ao ser insultado com a palavra, procura o seu significado no dicionário, mas não a encontra, porque a forma como era pronunciada não correspondia a nenhuma palavra escrita.

**7.** Porque as formas usadas não correspondiam à palavra dicionarizada.

**7.1.** Nas queixas, registou-se o sentido com que a palavra foi proferida.

**7.2.** Quando o Bernardino Soares procura o juiz para avançar com uma queixa, usa o termo «inócuo», permitindo finalmente o seu reconhecimento. Depois de consultar o dicionário para dissipar qualquer dúvida, o juiz confirma que «inócuo» é das palavras mais inofensivas que existem.

**7.3.** Não, porque a malvadez das intenções com que era usada sobrepõe-se ao seu verdadeiro sentido.

**8.** A palavra adquire o sentido que a vida lhe dá e esvazia-se do seu sentido original.

**8.1.** O filho do Gomes, apesar de já conhecer o verdadeiro sentido da palavra «inócuo», continuava a sentir-se ofendido por ela.

**8.2.** O ódio com que a palavra era pronunciada era mais forte do que um dicionário. A perífrase contribui para desvalorizar o dicionário («simples livro impresso») perante a realidade.

**9.** As palavras só ganham vida através do uso que lhes damos.